

GRES MONTESOSSEGO



Presidente

António Augusto Sequeira Duarte

NÔS TERRA MITOS CONTOS E LENDAS



CARNAVALESCOS

JOÃO BRITO & VALDIR BRITO

Ficha técnica**Enredo**

Enredo NÓS TERRA – MITOS CONTOS E LENDAS
Autores do Enredo Valdir Bito, João Brito
Autores da sinopse Valdir Bito, João Brito, Guilherme Oliveira e Nilton Sousa
Enredistas Guilherme Oliveira e Nilton Sousa
Autores do cronograma do desfile Valdir Bito, António Duarte e Guilherme Oliveira
Outras informações julgadas necessárias Fontes orais e de memória Arquivo Histórico Nacional, Biblioteca Nacional, Entrevistas - Oswaldo Osório – as ilhas do meio do mundo -Timeu e Critias por Platão - A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES Rita de Cássia Milléo Mainardes - OS CONTADORES DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Ângela Barcellos Café São Nicolau – o Terreiro das Bruxas -Viagem pela história das ilhas Germano de Almeida OS ENCANTADOS”, LENDA DE CABO-VERDE – por Clara Castilho -HISTÓRIAS DE LONGE E DE PERTO, Sec. Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Lisboa, 1997). - <i>Jardim das Hespérides-</i> Pedro Cardoso , José Lopes Brito Semedo , Esquinas do tempo Google.com

Outras informações julgadas necessárias**Comissão de Carnaval, constituída por:**

Valdir Bito, João Brito, Guilherme Oliveira

Valdir Brito

Formado em Gestão e Produção Cultural pelo MEIA, Carnavalesco, Cineasta. Artista Plástico, Cenógrafo, produtor audiovisual. Trabalhou como produtor pela Harmonia e empresa B Mobile. Formado em realização e repórter pela Tiver, produção e direcção artística para PBS.

João Brito

Artista Plástico, cenógrafo, Músico, Carnavalesco, curso de Cineasta pelo MEIA, produtor musical, e audiovisual, Director da Produtora, Pion Digital. Trabalhou como produtor Musical, audiovisual e director de arte pela Harmonia. Cenógrafo da TCV, como produtor e cenógrafo pela produtora PBS, em Cabo Verde, Portugal, França Holanda, Bélgica, Brasil e EUA. Exposições de pintura em salas nacionais, e em países como: Portugal (Montemor o velho), nos EUA NJ, Casa do Ribatejo. Curso de museologia pela Universidade Lusófona, linguagem cinematográfica, repórter de imagem TVI, realizador pela TV Brasil - João Pessoa

Guilherme Oliveira

Veterinário formado em 2009, Bolsista e professor de danças Africanas no centro de Arte e Cultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro de 2006 a 2009. Membro fundador da Associação do Estudantes Africanos da UFRRJ. Membro di Diretório Académico de Medicina Veterinária da UFRRJ, por dois anos. Trabalhou como voluntário no Barracão da estação Primeira de Mangueira no Carnaval 2007

Enredistas, sinopse e Justificativa de Enredo

Nilton Sousa

Licenciatura em Assessoria Administrativa e Relações Públicas, Línguas e Culturas Inglesa, Francesa e Espanhola. Contabilidade, Economia, Fiscalidade e Direito Comercial. Responsável Administrativo/Relações Públicas, atendimento telefónico, atendimento ao público, tratamento de correspondência e facturas, arquivo, tradução de textos, processamento de documentos contabilísticos. 2013 - Professor/Formador do C.E.F.P - Mindelo, 2017 - Escritor do Livro de Contos e Poesias

: O Sabor da Palavras (Chiado Editora)
--

Apresentação

SINOPSE ENREDO

ERA UMA VEZ ...

Essa palavra mágica que é evocado na contação de histórias, carrega em si uma aura que nos transforma aos olhos de quem vê e na fantasia que o coração do ouvinte deseja. Um momento mágico que nos arrebatava e faz-nos viajar entre a realidade e a fantasia, inundado nosso cérebro, sequestrando nossa imaginação, de olhar esbugalhado como se ouvíssemos pelos olhos, trazendo em si o desejo de entrar não pela razão, mas pela porta do coração de cada ouvinte.

ESTORIA, ESTORIA

Fortuna ou fartura do céu ámen

Nesse momento abre-se uma atmosfera de cumplicidade solta no ar, sorrisos abertos onde estrelas fazem pouso nos olhares. Momento em que nossos avós davam vida a palavras ou eram as palavras que lhes davam vida, através da magia da narração de histórias. E foi envolto a essa magia que nossos "griots"(ancestrais) transmitiram valores, paixões e principalmente nossa identidade cabo-verdeana de geração em geração mesmo que a realidade se mostra-se cruel em muitos momentos de seca, fome e miséria mas nem assim o povo desanimou por ser extremamente crédulo, religioso e supersticioso, herdeiro de uma cultura animista, recorrendo sempre a sonhos em histórias de superação, mantendo-se vivo pela esperança. Mas o povo não acreditava em contos, mitos e lendas só porque necessitava.

Eles acreditavam porque sentiam, e sentiam no sentido mais profundo da sua existência. Essa terra mítica sempre emanou uma magia mística perceptível, mas muitas vezes inexplicável, mas não para nossos contadores de histórias. Esses detinham um conhecimento de todos os nossos ancestrais, guardavam consigo toda essa memória coletiva com a missão de transmitir e encantar as próximas gerações para que todo esse poder não se perdesse no tempo. Conhecimentos de tempos antes dos descobridores, dessas lhas no meio do mundo, de princesas, Nhô Rei e até dos animais falantes sem esquecer de males antigos. Conheciam os efeitos da hora de minguada do poder das ervas, os encantos de certos locais, livros de feitiços e da magia de alguns seres. O desfile deste ano também tem por missão transmitir essa força mágica, dos contos, mitos e lendas mais encantadoras da nossa terra ou sobre ela, aquelas que até hoje driblam o nosso imaginário, mexeram com a nossa identidade, costumes e superstições. Esse ano comprometemos a contar não uma estória, mas sim as histórias da nossa história, misturando a magia dos contos com o feitiço do carnaval que não será para embalar mas sim encantar através de uma efusão de viagens na memória coletiva e palavras de nossos ancestrais, rumores seculares contadas ou cantadas num batuque ou numa esteira ecoando por gerações em noites quentes ressonando na nossa alma nessas místicas ilhas no meio do mundo. Viajaremos com os nossos contadores ou botadores de histórias que vinham de diferentes esferas da nossa sociedade podendo ser a simples avó lá de casa como um dos nossos geniais compositores ou escritores.

SECTOR 01

NÓS TERRA SEGUNDO SEUS MITOS

«A minha pátria é uma montanha/Olímpica, tamanha!» (Cardoso, 1989: p.158).

A origem mítica do nosso arquipélago é atribuído por algumas correntes a textos de Platão, que recupera a misteriosa Atlântida, numa lenda narrada em diálogos, acerca de uma conversa que se terá passado entre Sócrates e seus discípulos em Atenas (421 aC), conjugando-a com o do *Jardim da Hespérides*.

Nesses textos Platão conta que, aquando da viagem de Sólon ao Egito, conversando com

sacerdotes, um deles lhe falou de tradições antigas respeitantes a uma guerra outrora sustentada por Atenas contra os Atlantes, povo que habitava ilhas situadas defronte da Coluna de Hércules, à saída do Mediterrâneo, quando se entra no Atlântico. Platão informa, ainda, que os Atlantes teriam procurado dominar o mundo inteiro, mas foram vencidos pelos Atenienses. Pouco mais acrescenta sobre a Atlântida que, segundo o mesmo, foi devastada por um cataclismo – castigo de Zeus – e engolida pelas águas do Atlântico, ficando apenas os cumes das montanhas, que corresponderão aos arquipélagos localizados na parte central desse Oceano, Nô terra. Entroncado neste contexto está o mito hesperitano ou arsinário, que uma vez mais vai beber na cultura grega, ao retomar a lenda das Hespérides, território onde existiria o “*Jardim dos Deuses*” ou “*Jardim das Hespérides*”, que por sua vez serviu de inspiração a poetas cabo-verdianos (Pré-Claridosos) como José Lopes e Pedro Cardoso nalgumas das suas produções. Afamado pelos seus deliciosos frutos e onde também existiam maçãs de ouro, possuía um clima ameno, atributos que fizeram com que fosse identificado com o Paraíso e motivo porque era guardado por Lódon, dragão de cem cabeças. Entretanto, no âmbito dos “Doze trabalhos de Hércules” se insere a lenda segundo a qual uma dessas tarefas era justamente estar incumbido por Euristeu de roubar maçãs de ouro às Hespérides. Para tanto persuadiu Atlas (que conhecia Lódon) a ir ao jardim roubar três maçãs de ouro, enquanto ele se incumbiria de suportar o céu no seu lugar e efectivamente Atlas conseguiu matar Lódon e retirar as maçãs. Este facto está também presente no imaginário cabo-verdiano, pois o sangue derramado por Lódon espalhou-se pelo Jardim da Hespérides, dele nascendo o Dragoeiro (*Dracaena draco*), cuja seiva é conhecida nalgumas ilhas por “sangue do dragão” e árvore que está em extinção, mas que encontrou no arquipélago o seu habitat natural onde se reproduz espontaneamente, mesmo sítios quase inacessíveis.

Eis como o mito é apresentado por José Lopes (1933:25-27):

*Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram essas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs,
Como elas, pelo Atlântico dispersas.
As Hespérides, de Héspero as três filhas,
Por essa mesma tradição,
Deram o nome às nossas, com razão
Chamadas, pois, Ilhas Hesperitanas.
Também se denominam Arsinárias
Pelo cabo Arsinário dos Antigos,
Nome mudado em Caboverdeanas
Desde que as lusas velas legendárias,
Zombando das procelas, dos perigos,
Davam o nome Verde ao mesmo cabo
Que assim perdia o que lhe déra Strabo.*

.....
*É esta, pois, Irmãos Caboverdeanos!
A história original da nossa terra,
Que esse segredo do Passado encerra...*
Por seu lado, Pedro Cardoso (1926) escreve que

.....
*As antigas Hespérides sagradas
São hoje as cabo-verdeanas ilhas
Mansões deliciosas e encantadas
De sereias gentis – de Héspero filhas
Guardam no seio, oculto, o pomo de ouro
Em luzente metal rico tesouro.*

Qualquer que seja a origem histórica da lenda das Hespérides ou da Atlântida, ela permaneceu no espírito dos homens, à luz dos textos egípcios em que Platão e nossos escritores se inspiraram. Cabo Verde é uma das filhas da Mãe Atlântida, Hespérides ou Ilhas Hesperitanas ou Arsinárias devido ao cabo Arsinário, mudado para Caboverdeanas.

SECTOR 02**Estórias de encantar**

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

Pois, nossas estórias de encantar tem todos os ingredientes para enriquecer nosso espírito, iluminar nosso interior, e, ao mesmo tempo, nos tornar mais protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças. Da memória de um griot ou de um livro saltam contos desse atlântico ou dessa atlântida, descem Deuses, Santos e anjos para testar-nos, chegavam piratas a procura de tesouro depois de lutas com monstros marinhos, vinham sereias procurar parteiras, Nho Rei soltava a alteza e a princesa sonhava com um príncipe com destreza.

Nós eramos "TI LOBO" em ouvir essas Estória mas Nossos "Chibinhos" dizia que só depois de sol cair para nossas pestanas ou sobrancelhas não desaparecerem.

A plateia eram as "Gentes Maravilhas" (como são chamados pelos árabes), sempre seduzidas por novas aventuras e personagens transcendentais para logo apos ir dormir ou melhor sonhar.

SECTOR 03**Reunião d´ Cosa Rù, Crença e Superstições**

Em lendas, mitos e contos sempre tem os personagens e um conflito que se dava entre duas forças opostas, um do bem e outro do mal, nesses instantes soltavam esses mitos da manga quando algo abalava um cosmos harmónico, um aparecimento de uma doença ou um acontecimento que modificava certamente a estrutura do Mundo.

Nessa hora o medo se apoderava de nós ao ouvir relatos sobre criaturas que pairavam nas noites principalmente de lua cheia, nessas reuniões estavam presentes as gigantes cachorronas, as belas pé de cabra, as noivas, sempre a correr as Canelinhas e os majestosos Mansongos sempre de branco entre espíritos e fantasmas.

Mas a rainha nessas lendas sempre eram as Bruxas, essas criaturas poderosas que eram transmorfo, comiam crianças e enfeitiçava Homens.

Maioria dessas estórias vinham de duas localidades; Janela em Santo Antão e Ribeira Prata em S. Nicolau, viveiro declarado de Bruxas e feiticeiros.

«Ribeira Prata! Este nome soava dentro do meu coração como um presságio aziago. Era um grito em noite escura que eu sentia quando evocava os casos que na ilha contavam daquela ribeira povoada de feiticeiras.» (Lopes, B., 1997: p.42).

A caça as bruxas quase sempre se dava com curiosos corajosos, feiticeiros do bem ou curandeiros para amarrar ou afugentar essas criaturas principalmente de lugares onde havia recém-nascidos. Nós protegíamos através de ritos para a cura recheado de símbolos e sinais diferenciados, um guarda cabeça, uma efusão de ervas ou ramed d´terra, conforme a ilha, mas como na zona sempre tinha uma pessoa suspeita de ser bruxa sempre andávamos armado com a musica «Fetcêra de róbe azéde/ Se bô ê fetcêra bô ene de quemême/ se bô ê bruxa bô ene de embruchê-me/Róbe pa terra cabeça pa mar!» e se aparecesse um gato preto «o polegar fechado entre os outros quatro dedos e apontado na direcção do miau enquanto os outros gritavam "figa canhota, tocha caramocha, merda de gato preto".» (Almeida, 1998: p.17).

A crença nessas criaturas sempre divergia opiniões, mas la dizia sempre o outro;
"EU NÃO ACREDITO EM BRUXAS, MAS QUE ELAS EXISTEM, EXISTEM!"

Portanto Figa Canhota as bruxas, abram rua de Lisboa aos Mágicos porque aí vem os Atlantes de Monte Sossego encantar de novo, mas desta vez a magia vem em dose tripla com uma poção magica de estórias misturado com o feitiço do nosso Carnaval e o encanto da comunidade Montsú!

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Esse Enredo tem por objetivo reativar ou reviver a nossa memória coletiva e ainda de relembrar a importância das nossas vivências e culturas, segundo as tradições e costumes, resgatando a relevância das mesmas, para nossa formação sócio Cultural, através de expressões, figuras, hábitos e referências, a serem retratadas no nosso desfile, num conjunto de fantasias, da música, alegorias e adereços e ainda elementos cenográficos, evidenciando personagens, mais conhecidos, que nos remetem aos nossos mitos contos e lendas, retratados nos 3 setores do desfile, desde a nossa comissão de frente até a última alegoria, fazendo uma viagem entre a mitologia e os nossos mitos contos e lendas transcritas pelo hábito da transmissão da nossa oralidade, evidenciando tradição de narrar e contar histórias.

Igualmente remeter-nos, as fábulas mitológicas do aparecimento de Cabo Verde, segundo Platão, bem como avivar intensamente, as crenças e superstições, personificadas em dicotomias de figuras horrendas da feitiçaria e da bruxaria, e dos curandeiros, especificamente.

PLANO DE DESFILE 2020

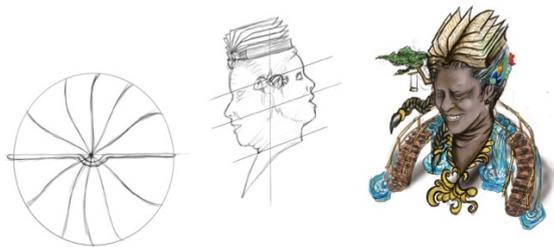
01 - COMISSÃO DE FRENTE A MAGIA E ENCANTO DE UMA HISTÓRIA
CASAL MS & PB GUARDIÕES DA MEMÓRIA ESCRITA E ORAL

SECTOR 1
NOS TERRA SEGUNDO O MITOS
02 - BAIANAS; Contadoras OU BOTADORAS DE HISTORIA
03 - Atlantes Crioulos DOS JARDINS DAS HESPERIDES
<u>ALEGORIA 1</u> CATACLISMO DA ATLÂNTIDA
04 - Atlantes marinhos sereias

SECTOR 2
HISTORIAS DE ENCANTAR
05 - MNINE ENCANTOD
06 - TILOBO E CHIBINHO
07 - CORTE ENCATADO
RB - SEREIA DO ENCANTO
08 - BATERIA MARINHEIROS SOBE EFEITO DO ENCANTO
09 - PASSISTAS FADAS
10 - CURANDEIRAS
<u>ALEGORIA 2</u> BIBLIOTECA DE MEMÓRIA COLETIVA HISTORIAS DE ENCANTAR

SECTOR 3
REUNIÃO D ´ COSA RÔ
11 - ESCONJUR DO MAO OLHADO
12 - MANSONG ´ S
13 - VELHA GUARDA ANCIÕES DE TERRA ÍNDIO
14 - FETCERA RIBEIRA PRATA
15 - BRUXA D ´ JANELA
<u>ALEGORIA 3</u> CRENÇAS E SUPESTIÇÕES

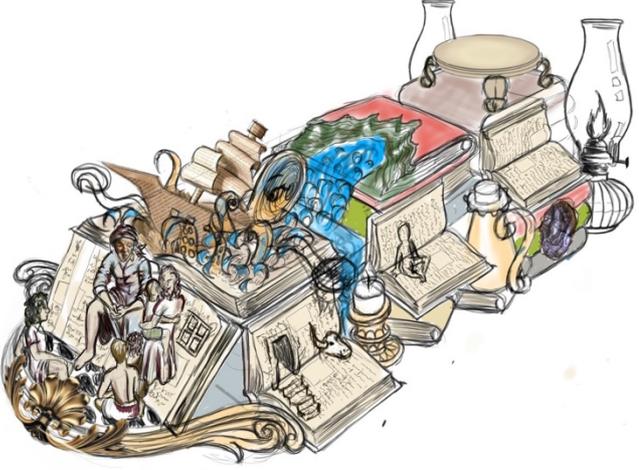
**Ficha técnica
Elementos Cenográficos**

Criadores dos elementos cenográficos Valdir Bito, João Brito		
Nº	Nome da Alegoria	O que representa
TRIPÉ DE COMISSÃO DE FRENTE	 <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>O nosso Tripe e Comissão de Frente abre o desfile retratando o momento magico da contação de Estória</p> <p>Representado por um elemento cenográfico de uma avó serena a contar histórias que se tranforma num menino encantado pela viagem proporcionada pelo momento da narração em um cenário de escadaria, lavadas e cachoeiras típicas de lugares rurais onde estas Estorias nasciam. Esta avó leva em sua memoria um espolio interminável de contos da sabedoria popular que é representado por um livro na sua cabeça que nunca termina de passar de página para página. A frente do tripe a nossa Comissão de frente estará dando vida a muitas desta Estorias e Crenças levando magia e arrebatando o pulico como se fosse um regresso magico a sua infância</p>

**Ficha técnica
Alegorias**

Criadores das Alegorias Valdir Bito, João Brito		
Nº	Nome da Alegoria	O que representa
01	<p>CATACLISMO DA ATLANTIDA</p>  <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>Primeira alegoria, o nosso carro Abre Alas, faz referencia ao mito de Cabo Verde, como a possível sobra, do que restou da mítica Atlântida, e também a sua relação ao jardim das hespérides, onde vivia o dragão que protegia as maçãs de ouro, cujo a sua morte e mais propriamente o seu sangue, tenha originado a arvore endêmica em Cabo Verde, o nosso Dragoeiro!</p> <p>Alegoria retrata a inundação da Atlantida por castigo de zeus e do jardim das Hesperides que veio resultar do nascimento do nosso Arquipélago através dos cumes das montanhas que ficaram restaram na superfície.</p> <p>A alegoria é constituída de esculturas de animais míticos e Atlantes fugindo desse Cataclismo inevitável representado por ondas que vem envolto a alegoria . A frente vem as Maçãs do pomo de ouro de onde sai as ninfas protetoras nu gesto de oferta retratando o conto Hesperitano ou Arsinario fazendo um</p>

		<p>entroncamento que retoma as lendas que serviram de inspiração a poetas cabo-verdianos (Pré-Claridosos) como José Lopes e Pedro Cardoso nalgumas das suas produções. logo atrás uma sereia gigantesca representando a mutação dos atlantes depois dessa inundação</p>
--	--	---

<p>02</p>	<p>BIBLIOTECA DA MEMORIA COLETIVA \ Historias de Encantar</p>  <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>A segunda alegoria faz referência a toda a nossa ancestralidade, a costumes e hábitos mais antigos, que propagavam e postergavam os nossos contos, a nossa tradição oral as novas gerações. Ação geralmente reservada aos mais experientes na vida, ou seja aos avôs, e a importâncias de continuar a preservar essas memorias, a nossa historia, a nossa cultura..</p> <p>A Alegoria abre como a nossa Griot, anciã, vovo contadora de historias rodeada de crianças num momento da contação na esteira onde no desenrolar da alegoria vai-se abrindo essa biblioteca da sabedoria popular através de livros de encantar que vão ganhando vida com as letras a sairem em busca do espetador e algumas estórias populares saltando para fora do livro representando essa magia dos contos que era mais habito naquele tempo das lamparinas o dos candeeiros</p>
<p>03</p>	<p>CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES</p>  <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>A terceira alegoria, correlaciona personagens e lendas, que povoaram e continuam povoando a nossa imaginação, e justificaram em alguns momentos, certas ocorrências que desencadearam aspetos e costumes conhecidos na nossa tradição, que se perpetuam ate hoje...</p> <p>Num ambiente de reunião de "coisa rum" com os opostos, para o esconjuro e a cura.</p> <p>Vem desvendar um pouco daquelas crenças que mais fazem parte do nosso cotidiano</p> <p>É representado com um misto de bem e do mal onde a metade de frente trás um bebe num ritual de guarda cabeça sendo protegido pelas missangas de resguardo, a famosa maria da cruz mais conhecido pela babosa e armado com a indissociável figa canhota que se vai transformando em um santidade representando assim o misto das crenças e religiosidade presente nas pessoas daquele tempo e até em muitos de agora.</p> <p>Da metade da alegoria para traz traz uma aura mais sombria começando com a portas de entrada do nosso cemitério (1888), cenário de vários contos supersticiosos. Logo depois envolto em chamas uma alegoria da famosa bruxa que assombrava os povoados rurais apavorando todos com os seus feitiços evocados do livro de São Cipriano.</p>

**Ficha técnica
Fantasias**

Criadores das Fantasias Valdir Bito, João Brito				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DAS ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável Ala
*		<p>GUARDIÕES DA MEMORIA ESCRITA E ORAL</p>	<p>Casal MS &PB RIDSON MONTEIRO E KATIA FERREIRA</p>	<p>Direcção Carnaval</p>

02		<p>Uma homenagem aos nossos ancios contadores de historia na esteira a luz dos candieiros e lamparinas</p>	ALA DAS BAIANAS	Alice Dias
----	---	--	-----------------	------------

Criadores das Fantasias
Valdir Bito, João Brito

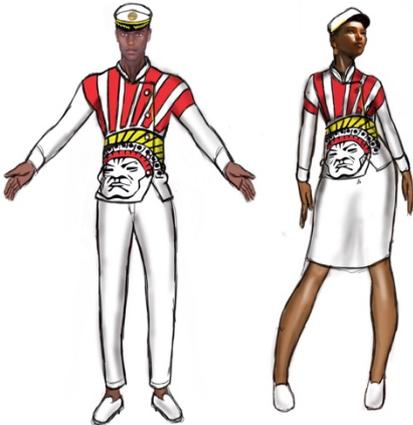
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DAS ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável Ala
03		<p>Refere ao mito do jardim das hespérides onde tinha o pomo das maçãs de ouro guardado pelo dragão cujo sangue deu origem aos nossos dragoeiros. Mito das hesperides utilizado por Pedro Cardoso e José lopes</p>	SOCIAL	Zuleika Fernandes
04		<p>Depois da inundação da Atlantida veio a mutação dos atlantes para as sereias dando origens a este ser tão presente nas nossas historias</p>	SOCIAL_COMUNIDADE	Emeline Mota

<p>05</p>		<p>Era um menino que nascia com caracteriticas especiais tanto de poderes magicos como de conhecimento sob pena de ser quebrado caso a mae desvendasse o segredo.</p>	<p>ALA DE CRIANÇAS</p>	<p>Ailina Fernandes</p>
<p>06</p>		<p>É das mais famosas fabulas caboverdiana que enriquece o espolio de contos infantis</p>	<p>SOCIAL</p>	<p>Alice Dias</p>
<p>07</p>		<p>SINUOSAS E ELEGANTES ENCANTANDO ATRAVES DA SUA CORTE</p>	<p>E Coreografada</p>	<p>Odair Pereira</p>

		<p>SEREIA DO ENCANTO RAINHA DA BATERIA QUE ENCANTA E DESLUMBRA SUA BATERIA SEMBRE QUE VEM A SUA SUPERFÍCIE ESBANJANDO ELEGÂNCIA E CHARME</p>	<p>Rainha da bateria Daylene Rocha</p>	<p>Direcção de Carnaval Daylene Rocha</p>
		<p>MARINHEIROS SOBRE O ENCANTO DA DANÇA DA SEREIA, PERPLEXOS, MAS AFINADOS NA CADENCIA RITMADA DOS SEUS TAMBORES</p>	<p>BATERIA MESTRE EDIR BRITO</p>	<p>D DIREÇÃO DE HARMONIA E BATERIA</p>

<p>09</p>		<p>FADAS ASSISTAS DE CHARME E RISCADO NO ASFALTO, AS MESTRES DO SAMBA NO PÉ</p>	<p>Coreografada</p>	<p>DIREÇÃO DE CARNAVAL - Fabrício Cardoso</p>
<p>10</p>		<p>CURANDEIRAS, RAME DE TERRA, VEM CO. A SUA SABEDORIA POPULAR ENCANTAR O NOSSO DESFILE COM CURAS MILAGROSA</p>	<p>Social</p>	<p>DIREÇÃO DE CARNAVAL</p>
<p>11</p>		<p>Uma forte referencia aos usos e habitos do esconjuro contra o olho gordo e a tradicional figa canhota</p>	<p>SOCIAL</p>	<p>PATRICIA</p>

<p>12</p>		<p>A organização da maçonaria é famosa entre nossas lendas, essas pessoas abastadas que vinham em cavalos brancos e correntes e com a alma vendid</p>	<p>ALA COROGRAFADA</p>	<p>Direcção de Bad Boys – YURAN GOMES E ADILSON</p>
<p>13</p>		<p>Anciões da Terra D'indio, na protecção divina contra mau olhados</p>	<p>VELHA GUARDA</p>	<p>ZECA REIS E ANTONIO MERCONE</p>
<p>14</p>		<p>Reza a lenda que Ribeira prata é das regioes mais famosas de cabo verde pelos seus feiticeiros e suas criaturas sombrias</p>	<p>ALA DE COMUNIDADE</p>	<p>Aldina Delgado</p>

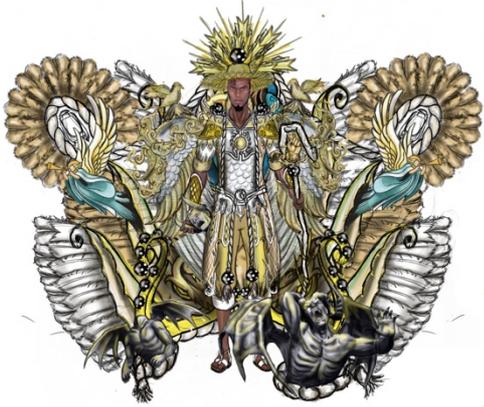
<p>15</p>		<p>Quando falamos de bruxa, ribeira de janela é refenciada como um autentico viveiro onde muitas das suas historias nos assombra</p>	<p>ALA COROGRAFADA</p>	<p>Isa Matos</p>
-----------	---	--	------------------------	------------------

OBSERVAÇÃO

Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia

Criadores das Fantasias Valdir Bito, João Brito				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALEGORIAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome Alegoria	Responsável
*	<p>RAÍNHA - ABRE ALAS</p> 	<p>Ninfa protetora do Jardim das Hespérides e das maçãs de ouro</p>	<p>CATACLISMO DA ATLÂNTIDA</p>	<p>Direcção de Carnaval</p>
*	<p>REI - ABRE ALAS</p> 	<p>Alma do Dragão, guardião da arvore das maçãs de ouro dos jardins das hespérides, cujo sangue deu origem ao nosso dragueiro</p>	<p>CATACLISMO DA ATLÂNTIDA</p>	<p>Direcção de Carnaval</p>
*	<p>DAMAS</p> 	<p>Diversidade do povo Mítico de Atlântida</p>	<p>CATACLISMO DA ATLÂNTIDA</p>	<p>Direcção de Carnaval</p>

<p>*</p>	<p>RAINHA - -ALEGORIA 2</p> 	<p>Fonte sabedoria e da transmissão das nossas historias de esteiras</p>	<p>BIBLIOTECA DE MEMORIA COLETIVA, HISTORIAS DE ENCANTAR</p>	<p>Direcção de Carnaval – ISA MATOS</p>
<p>*</p>	<p>DAMA DE ALEGORIA 2</p> 	<p>nossa diversidade de contos mitos e lendas</p>	<p>BIBLIOTECA DE MEMORIA COLETIVA, HISTORIAS DE ENCANTAR</p>	<p>Direcção de Carnaval – ISA MATOS</p>
<p>*</p>	<p>RAINHA DE ALEGORIA 3</p> 	<p>Rainha das Bruxas (A personificação dos males nos nossos contos)</p>	<p>CRENÇAS E SUPESTIÇÕES</p>	<p>Direcção de Carnaval – ZEZINHA DUARTE</p>

<p>*</p>	<p>REI ALEGORIA 3</p> 	<p>Curandeiro (Guardião dos saberes, contra todos os males</p>	<p>CRENÇAS E SUPESTIÇÕES</p>	<p>Direcção de Carnaval / ZEZINHA DUARTE</p>
<p>*</p>	<p>DAMAS DE ALEGORIA 03</p> 	<p>4 Damas de andores, (2 discípulas do bem, 2 discípulas do mal)</p>	<p>CRENÇAS E SUPESTIÇÕES</p>	<p>Direcção de Carnaval / ZEZINHA DUARTE</p>

Presidente de Honra
Daniel Oliveira - Nhela

Vice Presidentes:

Adriano Delgado Lima - Adriano
Guilherme Oliveira - Regy
Isa Gomes de Matos - Isa
António Delgado Lima - Toy de Caravela

Secretaria
Cândida Rosa Santos
Vogais:
Sónia Fonseca
Valter Silva
Tesoureiro
Adriano Delgado Lima

Director de Carnaval:
Guilherme Reginaldo Oliveira
Director de Harmonia
Rito Afonso Santos
Directores
Jansénio Delgado
Sónia Vieira

Mestre de Bateria Edir Brito

Diretores de Bateria
Christy Quintino (coordenação geral)
Bruno - coordenação geral e surdos
Paulo José e Luis Graça- logística e manutenção de instrumentos
Tiago Gomes - Surdos
Doriva Santos - Caixa e repinick
Nelson Martins - Xocalho

Música : Fatxa Fatxa N'rena
Compositor - Constantino Cardoso 2020



FATCHA FATCHA N'ARENA

ROBE PA TERRA CABEÇA PA MAR
CADA OI MAU BA IMPÉCE LA N'INFERRE
TÓCHA CARAMOCHA, FUTCERA DE ROBE AZEDA
FIGA CANHOTA OI LI TRÁS BOCA N'ESSE FRENTE
NÓS CARNAVAL CA TEM CORVE Ê QUE TA GÔRAL

IPSIS VERBIS PLATÃO REZA A ESCRITA
NÓS TERRA Ê UM PADÓCE D'ATLANTIDA
VÔVÔ CONTA NÓS ESTÓRIA NA ESTERA
D' XIBIM TI LOBE MA BLIMUNDE
D'SEREIA, PRINCESA E QUES COZA D'REPIÁ
ATLANTES D'MONTSÚ CA TA VERGÁ NA TERRER

FATCHÁ FATCHÁ FUTCERA, FATCHÁ FATCHÁ N'ARENA
S'BÔ Ê BRUXA CÔLADA, PILOTAME ESSE BASSORA
BA TA ESPAIAME TUD ESSE LUMNARA D'ESSE ROBE

Ô MINDEL ESCONJURÁ BÔS PESADEL
FAZEL DUFEMADOR, BENZEL BÔ FNIL RÔBE
ESSE FITICE D'ESSE NÓS CARNAVAL
CA TEM QUEBRANTE NA MUND Ê QUE TA PARAL
BÔ Ê MENINE INCANTÓDE, BÔ TEM GOLDEN GLOW

Ô MASSONGUE BRIME CAMIM, BRIME CAMIM
D'ÊSS MAGIA D'MONTSÚ NEM COZA RUM TA ESCAPÁ

VRA PRALI Ê CAPOTONA VRA PRALA ALMA PENADA
GÔNGÔN , NOIVA, PE D'CABRA
TRA NA MIM NHA CATCHORRÓNA
CORRE CORRE PA CANILINHA CA PEGÔBE
DAL UM BANDINHA ESCONJUNTAL TUD USSIM

*Constantino Cardoso
Monte Sossego/Carnaval 2020*

Interpretes principais

Esther Viviana
Andreia Silva
Gay Dias
Fábio Junior
José Luís Martins